

## III.12. Letteratura della guerra coloniale

**Testo 12.4** **João de Melo, [Il giorno in cui io sono morto in guerra] in *Autópsia de um mar de ruínas*, Assírio e Alvim, Lisboa, 1992, (4ª edição) pp. 283-286; 292-293.**

Autore del primo studio sistematico dedicato alla letteratura della guerra coloniale, *Os anos da guerra. Os portugueses em África*, in due volumi (1988), che per primo riflette in modo organico sul contesto storico e letterario della guerra coloniale, João de Melo (1949) azzorriano, formatosi in Filologia romanza a Lisbona, è infermiere militare durante la guerra coloniale, in Angola, tra il '71 e il '74. Un transito che gli lascia una cicatrice profonda: oltre allo studio sopra citato, pubblica nel 1977 un romanzo, *A memória di ver, matar e morrer*, opera questa che poi riprenderà e riformulerà in un ulteriore romanzo, *Autópsia de um mar de ruínas* (1984) sottoposto a una revisione permanente. Il tempo molteplice di quest'opera è molto interessante perché mostra come la scrittura non si esaurisca nel palinsesto della medesima esperienza o della medesima memoria ma resti aperto a continue rimodellazioni. Il grande successo arriva col romanzo *O meu mundo não é deste reino* (1983) narrativa storica di un villaggio del nord-est delle Azzorre con la dura lotta della sua popolazione per la sopravvivenza. Successo confermato anche dal romanzo successivo, *Gente feliz com lágrimas* (1988) storia ancora di un azzorriano, Nuno Miguel, che emigra a Lisbona per sfuggire a una adolescenza fatta di violenza e privazioni, entra in seminario dove maturerà come uomo e poi si ribellerà al contesto claustrofobico dell'istituto, scoprendo nella politica, in opposizione allo Estado Novo, una nuova ragione di essere. Numerosi sono poi gli altri romanzi di João de Melo, tra questi vale la pena di menzionare *O homem suspenso* (1996) *O mar de Madrid* (2006, durante la sua missione come consigliere culturale presso l'ambasciata portoghese in Spagna), infine *Lugar caído no crepúsculo* (2014). Del romanzo sulla guerra, *Autópsia de um mar de ruínas* ha recentemente (2017) pubblicato una 9ª edizione rivista e riformulata. La narrativa, ambientata all'interno dell'Angola, a Calambata, dove troviamo il nucleo essenziale di una caserma e una *senzala* attigua, è costruita in modo polifonico con più narratori, portoghesi e angolani. Tra questi, l'*alferes* Renato e Natália, angolana nera. Nei capitoli, si può apprezzare come avvenge, per contrappunto, l'alternanza di voci e di prospettive di visione anche del medesimo evento, sguardi che si intersecano e mostrano sempre i due lati, il fronte e il verso di un accadimento. Nella caserma c'è un divieto affisso al muro: «È proibito dire che ci sia la guerra» e in questa rimozione sembra giocarsi il destino dei più. Sono le imboscate, le mine, gli attacchi che richiamano invece a un principio di realtà, la guerra è una presenza materiale, palpabile, nella violenza e nella morte che infligge. Anche la popolazione locale, sottoposta a vessazioni e al lavoro forzato, sembra attendere stremata la fine del conflitto, in un atteggiamento in questo comune ai militari portoghesi. A frantumare ogni possibile prospettiva di avvicinamento è il colonialismo e una guerra eterodiretta dalla metropoli. Nell'epilogo, la incombenza della morte diventa concreta tanto che il destino si chiude per Renato, il militare portoghese, ma anche per Romeu il guerrigliero angolano vicino alla cattura, a cui seguirà la definitiva scomparsa. Nel capitolo qui riportato, nelle battute finali, è il narratore portoghese che racconta, come solo la letteratura può fare, la propria morte. Ma non muore solo un militare: è la morte simbolica di un intero Paese, di una dispersione coloniale decrepita e agonizzate che esce sconfitta dallo scontro con l'Africa. Nessuna catarsi sarà possibile.

## Capítulo Vigésimo Terceiro

NO DIA EM QUE EU MORRI NA GUERRA, ESTAVA ESTE MESMO SOL DE CLORO PARADO NAS MINHAS VEIAS. O MUNDO PARECIA ENVENENADO PELO CIANETO. TAL COMO AGORA, AS AVES DEBANDAVAM PARA O SUL, DEPOIS DE ATRAVESSAREM OS PÂNTANOS, E PUDE REPARAR QUE O CORPO DELAS SE COBRIRA DE UMA COR DE LEITE COALHADO NO INVERNO.

Sei que estou perfeitamente morto, pelo menos tanto quanto o possa estar um homem vencido pelas armas de guerra. Digam o que disserem, nada ainda se alterou desde esse dia: continua em mim a terrível destilação das horas, na viagem para o Norte. Os pássaros voam ainda na sua nata envenenada pelos pântanos, e o Lamas acabou mesmo por adormecer, sentado a meu lado, no banco corrido a todo o comprimento da viatura. De vez em quando, pousa-me a cabeça nos ombros. E o seu corpo é uma coisa sem ossos à qual os solavancos do *Unimog* transmitem a flutuação dos eixos sobre o terreno. Os outros fumavam em sossego, cheios de pachorra, e eram de facto amigos, pois passavam de mão os mesmos cigarros e faziam-no sempre em silêncio. O mesmo silêncio, talvez, me calou para sempre a boca e fechou todos os ruídos por dentro do búzio dos meus ouvidos.

Desse dia da minha morte, começo por recordar a poeira: vinha também de frente, do lado dos pântanos, tal como o vento, e envolvia as aves que desertavam na direcção do Sul. Compreendi depressa que nem os pássaros, nem a poeira da picada, nem aquele vento que a embrulhava no ar, e tão-pouco o leitoso sol de cloro, queriam, nesse dia, assistir à minha morte. Todavia, o mormaço entrara tão profundamente em mim que tudo foi amolecendo no meu corpo e acabou por adormecer ao som do motor, das pancadas dos eixos e do voo das aves em debandada.

Rolávamos desde as sete da manhã a caminho da Magina (recordam-se?), para recolher o pelotão do alferes Alexandrino, que se havia emboscado há cinco dias no rio. Lá para a frente, a quilómetros de distância, a chuva vogava à bolina, por cima da mata da Binda. Mais para a frente ainda, em território zairense, os relâmpagos rasgavam a vertiginosa escuridão do céu de África. Eram toneladas e toneladas de nuvens a enrolarem-se umas nas outras, como fadas em movimento, e empurravam a humidade na nossa direcção.

Em África, as bategas daquele tempo eram obliquas, fustigavam-nos de esguelha, às vezes de baixo para cima, como se se erguessem do chão os seres que fantas-mavam a chuva. Por isso, sempre que avistávamos as nuvens àquela distância, enfiávamos os ponchos à pressa, e descia sobre nós a última sensação de estarmos vivos. Pensar o quê? À excepção do vento, dos pássaros e da poeira, tudo levava o nosso destino: a picada, as árvores e o capim corriam à nossa frente, de um modo trémulo, como quando as metralhadoras, em fogo de rajada se parecem com os bois aos coices; os morros, a serra da Canela ao longe e a mata da Binda rodavam como planetas em torno do sol tóxico desse dia. Só a poeira, à aproximação da chuva, se tornou pegajosa e acabou por colar-se-nos à pele, transformada em lama.

De modo que aos poucos fomos ganhando este aspecto de naufragos do pântano, com a lama a crestar-se-nos no corpo e, assim, agora a morte é o crescimento do musgo: a minha pele transformou-se em escamas de peixe e todo eu sou decerto um anjo oceânico que não soube nem pôde escapar da guerra.

Com o Lamas adormecido no meu ombro, passavam lombas e rampas, as matas eram tufos de algas nas planícies desertas, e já então esta pesadíssima solidão do Norte tomara para sempre de assalto as minhas derradeiras energias. Todos

nós, marcados pelo ferrete das emboscadas, pelas minas e pelos acidentes, tínhamos quinze mortos na memória, sem suspeitar que também o estivéssemos já. Passávamos cigarros de mão em mão. As pontes estremeciam sobre o dorso dos crocodilos que nos esperavam no rio. E o motor do *Unimog* ecoava à distância, como um grito que não ia jamais repetir-se. Anjos cinzentos, escondidos no capim, deviam estar há muitos séculos à nossa espera, com a emboscada perfeitamente planeada, a mira de uma arma assestada na direcção da minha testa.

Foi quando ouvimos o estrondo. Dei um salto no banco e percebi que me pusei de pé na viatura e atirara com a cabeça do Lamas para fora do meu ombro. Eu não tinha um único músculo a funcionar, e contudo estava de pé e pronto a saltar para o chão. À minha frente, um *Unimog* explodira. Voavam ferros e pneus e peças de motor: caíam corpos decrepitos, e uma fumarola negra, de um negro muito denso, abria-se numa espiral. Do capim em chamas, subiu logo o bafo de dezenas de metralhadoras. Não morri logo, porquanto pude observar que os corpos se torciam no meio do incêndio e pareciam tochas à procura do capim. Algumas granadas sincoparam o ritmo desordenado dos gatilhos, até que o seu estrondo pareceu agachar-se ao coice das bazucas e dos morteiros. O operador de rádio principiou a pedir socorro à Calambata e a todos os quartéis do Norte. Estava estendido na varella, e era magríssimo e cor de fezes. Como ninguém lhe tivesse respondido, pôs-se de joelhos, e suponho que ainda hoje lá deve estar. Ouço perfeitamente a sua voz de cachorro sem mãe, a uivar e a voltar-se para um lado e para o outro, à procura dos quartéis inexistentes do Norte, SIERRA OSCAR CHARLIE OSCAR ROMEO ROMEO OSCAR, e depois em claro, muito claro, para que o ouvissem melhor: SOCORRO! EMBOSCADA, EMBOSCADA, EMBOSCADA. Suponho, mas não estou certo de que lá não esteja ainda, porquanto se pusera de joelhos, com um tiro a meio da testa, e continuava a afundar-se, a clamar no deserto, com a voz do seu cachorro metafísico SOCORRO! SOCORRO! Não pode ter acontecido então a minha morte na guerra, mas um pouco mais tarde. [...]

Aqui de mãos abertas, uma cidade sem cor nas veias e eis a morte. Ser, não ser um homem a desfalecer e ainda com o dedo no gatilho. À margem do corpo, o troteio é um zumbido de milhões de insectos: as abelhas terão vindo de muito longe, possivelmente do miolo das palmeiras, as árvores-garrafa, e passam, velozes, a rasar-me a nuca, num arrepio. São afinal setas invisíveis que se cravam na terra e a penetram em redemoinho. Mas um desses insectos entrou-me na carne, e as suas fauces dilaceraram-na, tão brandas como a névoa que embacia o vidro das minhas pálpebras. Penso que o ar se tornou gordo como a placenta onde fui gerado. Acorram-me outros gritos: palavras, trejeitos apenas, e as balas-abelhas. Havia, evidentemente, o sangue: enrolava-se-me na língua e sabia talvez a fermento. Ferido de morte, penso. Digo ferido de morte porque os meus vinte dedos, amor, começam a sofrer do azul insofrimento da terra. Há quanto tempo aqui estou, esquecido no capim, enquanto os outros combatem? Não devo sequer abrir os olhos. Respirar apenas e acreditar que alguém há-de vir. Tomar-me-ás leve como um pombo, amor, como o menino que nunca viu o mar de perto, sendo de morte as suas águas tão brancas, caladas, deslizantes...

#### COMO SERÁ MORRER?

Amor, eu não sei se dói. Caiu-me a arma das mãos. Alguém a virá recuperar para as mãos que tomarem o meu lugar na guerra. O meu último pulmão enche-se de uma agonia de corais, como quando os navios encalham nas rochas. Sei que o gelo é um sinal. Mas nada me dói mais do que sentir que as algas se enrolam no

meu corpo. Revolvem-me no meio do lodo, com o tal derradeiro pulmão a chafurdar no pântano das águas silenciosas. Sei que virão os médicos, os helicópteros, o rosto tenso das aves com olheiras: alguém chamará pelo meu nome, abre os olhos, abre os olhos, respira fundo, respira fundo. Só não sabem que o pulmão recebeu já a maré grossa e marulha no segreto de uma cidade subterrânea. Abre pois os olhos, e a folha espessa encontrará o sol; respira fundo, pois, respira fundo, para que não se atrevam as aves a pensar que estás pronto e que podem começar a debicar, a beber-te os olhos. Tens ainda um grande amor à tua espera. Tens uma memória para acusar. Tens un grito para deixar escrito ao cimo do mármore onde te vão gravar o nome: QUIS APENAS SEGUIR O CURSO DOS RIOS, PASSAR A PÉ AS MONTANHAS DO MEU PAÍS. AGORA VAI MORRER UM HOMEM. VAI MORRER UM PAÍS QUE MATOU UM MILHÃO E QUINHENTOS MIL HOMENS NA GUERRA. COMO SERÁ A SUA MORTE?

#### CAPITOLO VENTITRÉ

IL GIORNO IN CUI SONO MORTO IN GUERRA, C'ERA QUESTO STESSO SOLE DI CLORO FERMO SULLE MIE VENE. IL MONDO SEMBRAVA AVVELENATO DAL CIANURO. PROPRIO COME ADESSO, GLI UCCELLI SCAPPAVANO VERSO SUD, DOPO AVER SUPERATO LE PALUDI, E RIUSCII A VEDERE CHE IL LORO CORPO ERA DIVENTATO DEL COLORE DEL LATTE COAGULATO IN INVERNO.

So di essere perfettamente morto, per lo meno quanto può esserlo un uomo sconfitto dalle armi della guerra. Dicano quello che vogliono, niente è più cambiato da quel giorno: continua per me la terribile distillazione delle ore, nel viaggio verso il Nord. Gli uccelli volano ancora nella loro melma avvelenata delle paludi, e Lamas si è appena addormentato, seduto al mio fianco, sul sedile disteso per tutta la lunghezza del veicolo. Ogni tanto mi appoggia la testa sulle spalle. Il suo corpo è una cosa senza ossa alla quale gli scossoni dell'Unimog trasmettono l'oscillazione degli assi sul terreno. Gli altri fumavano tranquilli, molto lentamente, e come amici si passavano di mano in mano la sigaretta, sempre in silenzio. Lo stesso silenzio, forse, mi tappò la bocca per sempre ed eliminò tutti i rumori dai timpani delle mie orecchie.

Di quel giorno della mia morte, ricordo la polvere: ci veniva contro, dal lato delle paludi, proprio come il vento, e trascinava gli uccelli che si allontanavano verso sud. Ho capito subito che né gli uccelli, né la polvere del sentiero, né quel vento che agitava l'aria, né tanto meno il latteo sole di cloro, volevano assistere quel giorno alla mia morte. Tuttavia, l'afa era penetrata così profondamente in me che tutto il corpo si stava intorpidendo e si addormentò con il rumore del motore, delle vibrazioni delle assi e del volo degli uccelli in fuga.

Eravamo partiti alle sette del mattino in direzione di Magina (vi ricordate?), per raccogliere il plotone del sottotenente Alexandrino, che si era imboscato da cinque giorni lungo il fiume. Più avanti, a qualche chilometro di distanza, la pioggia vogava di bolina sulla foresta di Binda. Ancora oltre, sul territorio dello Zaire, i lampi squarciavano l'oscurità vertiginosa del cielo d'Africa. Erano tonnellate e tonnellate di nuvole che si rotolavano una sull'altra, come fate in movimento, e spingevano l'umidità nella nostra direzione.

In Africa, gli acquazzoni di quel periodo erano obliqui, ci frustavano di traverso, a volte dal basso verso l'alto, come se gli esseri fantasmagorici della pioggia nascessero dalla terra. Per questo, ogni volta che avvistavamo le nuvole così vicine, indossavamo la cerata, in fretta, e provavamo l'ultima sensazione di essere vivi. Pensare cosa? Ad eccezione del vento, degli uccelli e della polvere, tutto muoveva il nostro destino: il sentiero, gli alberi e l'erba correvano davanti a noi, ondeggiando, come quando le raffiche delle mitragliatrici sembrano tori inferociti; le colline, il monte Canela in lontananza e la foresta di Binda gi-

ravano come pianeti intorno al sole tossico di quel giorno. Soltanto la polvere, con l'avvicinarsi della pioggia, diventò appiccicosa e, trasformata in fango, s'incollò alla pelle.

Per questo dopo un po' avevamo l'aspetto di naufraghi della palude, con il fango che s'incrostava al corpo; per questo, adesso, la morte è la crescita del muschio: la mia pelle si è trasformata in squame di pesce e io sono sicuramente un angelo oceanico che non ha saputo né ha potuto evitare la guerra.

Con Lamas addormentato sulla mia spalla, passavano pendii e colline, le foreste erano cespugli di alghe nelle pianure deserte, e già allora questa pesantissima solitudine del Nord aveva preso per sempre d'assalto le mie ultime energie. Tutti noi, segnati dal marchio delle imboscate, delle mine e degli incidenti, avevamo quindici morti nella memoria, senza sospettare che anche noi lo eravamo già. Ci passavamo le sigarette di mano in mano. I ponti vibravano sui dorsi dei cocodrilli che ci aspettavano nel fiume. E il motore dell'Unimog echeggiava in lontananza, come un grido che non si sarebbe ripetuto mai più. Angeli grigi, nascosti nell'erba alta, ci stavano aspettando da molti secoli, con un'imboscata escogitata alla perfezione e il mirino di un'arma puntato in direzione della mia testa.

Poi sentimmo lo scoppio. Feci un salto sul sedile e capii che mi ero alzato in piedi nel veicolo e avevo allontanato dalla mia spalla la testa di Lamas. Non avevo un solo muscolo che funzionasse, e tuttavia ero in piedi pronto a gettarmi a terra. Davanti a me era esploso un Unimog. Volavano lamiere, pneumatici e pezzi di motore; cadevano corpi devastati e una colonna di fumo nero, di un nero densissimo, si apriva in una spirale. Dall'erba in fiamme salì subito il respiro di decine di mitragliatrici. Non sono morto subito, perché ho potuto osservare i corpi che si contorcevano nell'incendio e sembravano torce in cerca dell'erba. Alcune granate sincopavano il ritmo disordinato dei grilletti finché il loro scoppio sembrò piegarsi alla brutalità dei bazooka e dei mortai. L'addetto alle trasmissioni chiese aiuto a Calambata e a tutte le caserme del Nord. Era steso in un avvallamento, ed era magrissimo e del colore delle feci. Dato che nessuno gli rispondeva, si mise in ginocchio, e penso che sia ancora là. Sento perfettamente la sua voce di cane senza madre che ulula, mentre si gira a destra e a sinistra in cerca delle caserme inesistenti del Nord, SIER-RA OSCAR CHARLIE OSCAR ROMEO ROMEO OSCAR, e dopo, chiaro, molto chiaro, perché potessero sentire meglio: AIUTO! IMBOSCATA, IMBOSCATA, IMBOSCATA. Credo, ma non sono sicuro che stia ancora lì, perché si era inginocchiato, con un tiro al centro delle fronte, e continuava ad affondare, mentre supplicava nel deserto, con la voce del suo cane metafisico: AIUTO! AIUTO! Non può essere giunta allora la mia morte in guerra, ma un poco più tardi. [...]

Qui con le mani aperte, una città senza colore nelle vene ed ecco la morte. Essere, non essere un uomo sfinito, ma ancora col dito sul grilletto. Al margine del corpo, la sparatoria è un ronzio di milioni d'insetti: le api arriveranno da molto lontano, probabilmente dal midollo delle palme, gli alberi-bottiglia, e passano, veloci sfiorandomi la nuca con un brivido. Sono, in fondo, frecce invisibili che si conficcano nella terra e la penetrano vorticosamente. Ma uno di questi insetti mi è entrato nella carne, le sue fauci la divorano, così delicata come la nebbia che offusca il vetro tra le mie palpebre. Penso che l'aria sia diventata unta come la placenta da cui sono stato generato. Mi svegliano altre grida: parole, solo smorfie e le pallottole-api. C'era, evidentemente, il sangue: mi si avvolgeva la lingua e sapeva forse di lievito. Ferito a morte, penso. Dico ferito a morte perché le mie venti dita, amore, cominciano a soffrire l'insofferenza blu della terra. Da quanto tempo sono qui, dimenticato nell'erba, mentre gli altri combattono? Non devo neppure aprire gli occhi. Solo respirare e credere che qualcuno arriverà. Mi solleverà leggero come un colombo, amore, come il bambino che non ha mai visto il mare da vicino, con le sue acque di morte così bianche, silenziose, scivolose...

## COME SARÀ MORIRE?

Amore, non so se fa male. Mi è caduta l'arma dalle mani. Qualcuno verrà a recuperarla per le mani di chi prenderà il mio posto in guerra. Il mio ultimo polmone si riempie di una agonia di coralli, come quando le navi s'incagliano tra le rocce. So che il freddo è un segnale. Ma niente mi duole di più del sentire che le alghe si avvinghiano al mio corpo. Mi rivoltano in mezzo al fango, con quell'ultimo polmone che affonda nella palude dalle acque silenziose. So che arriveranno i medici, gli elicotteri, le facce tese degli uccelli con le occhiaie: qualcuno chiamerà il mio nome, apri gli occhi, apri gli occhi, respira a fondo, respira a fondo. Solo non sanno che il polmone è stato già ricoperto dall'alta marea e mareggia nel segreto di una città sotterranea. Apri gli occhi e la foglia opaca troverà il sole; respira a fondo, respira a fondo, perché gli uccelli non osino pensare che sei pronto e che possano cominciare a beccare, a bere i tuoi occhi. Hai ancora un grande amore che ti aspetta. Hai una memoria per accusare. Hai un urlo da lasciare scritto sul marmo dove incideranno il tuo nome: VOLEVO SOLTANTO SEGUIRE IL CORSO DEI FIUMI, ATTRAVERSARE A PIEDI LE MONTAGNE DEL MIO PAESE. ADESSO MORIRÀ UN UOMO. MORIRÀ UN PAESE CHE HA UCCISO UN MILIONE E CINQUECENTOMILA UOMINI IN GUERRA. COME SARÀ LA SUA MORTE?